

OS MISTÉRIOS DE BOW STREET
• LIVRO 2 •

Amante

POR UMA TARDE

LISA KLEYPAS



Amante
POR UMA TARDE



O ARQUEIRO

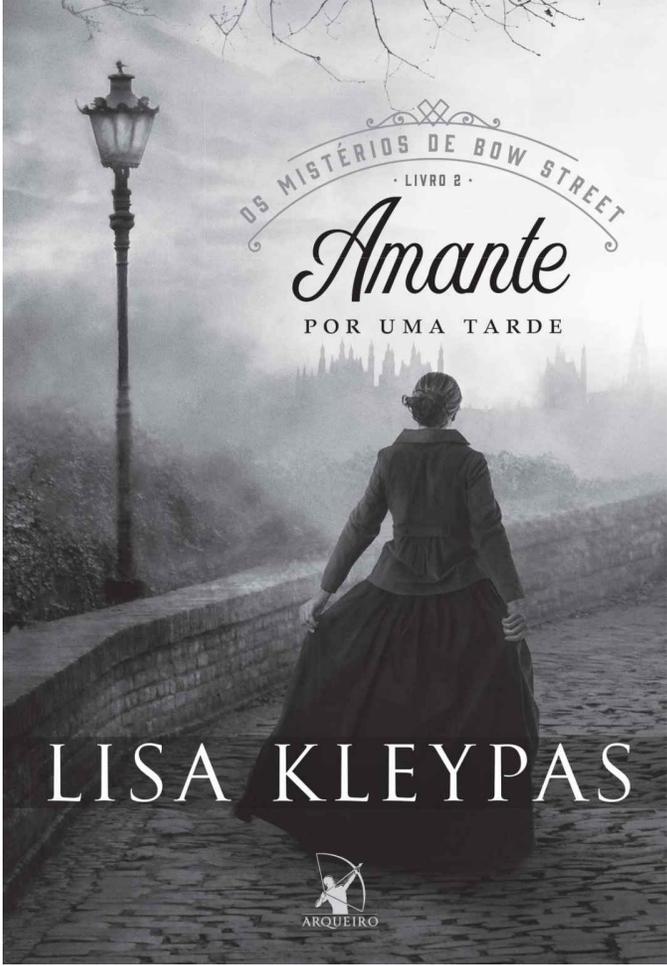
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



OS MISTÉRIOS DE BOW STREET
LIVRO 2

Amante

POR UMA TARDE

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO

Título original: *Lady Sophia's Lover*

Copyright © 2002 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: © Drunaa / Trevillion Images

foto da autora: © Danielle Barnum Photography

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72a

Kleypas, Lisa, 1964-

Amante por uma tarde [recurso eletrônico] / Lisa Kleypas; [tradução de Ana Rodrigues]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.
recurso digital (Os mistérios de bow street; 2)

Tradução de: Lady Sophia's lover

Sequência de: Cortesã por uma noite

Continua com: Prometida por um dia

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-143-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

21-70129

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha editora, Lucia Macro.

Agradeço pela orientação, a amizade e o entusiasmo maravilhoso por nosso trabalho juntas, o que nunca deixa de me encantar.

Às vezes, na vida, somos abençoados com a pessoa certa surgindo no momento certo... e, em uma encruzilhada difícil da minha carreira, essa pessoa foi você.

Só uma editora com o seu talento poderia ter me ajudado a encontrar o rumo, e, mais do que isso, você me manteve nos trilhos.

Que sorte a minha ter você.

Com gratidão e amor sempre,

L.K.

CAPÍTULO 1

Já fazia muito tempo desde a última vez que levara uma mulher para a cama.

Sir Ross Cannon não conseguia pensar em outra explicação para sua reação a Sophia Sydney... uma reação tão intensa que ele se viu forçado a se sentar à escrivaninha para disfarçar a súbita e incontrolável ereção. Ficou encarando a mulher intensamente, perplexo, se perguntando como a mera presença dela provocara tamanho ardor. Ninguém jamais o pegara desprevenido daquele jeito.

Ela era encantadora, com os cabelos cor de mel e olhos azuis, mas tinha também uma característica que ia além da beleza física: um quê de paixão sob a frágil fachada de seriedade. Como qualquer homem, Ross ficava mais excitado com aspectos implícitos do que com atributos que se revelavam prontamente. E estava claro que Sophia Sydney era uma mulher de muitos segredos.

Ele se esforçou para conter a atração que sentia por ela, concentrando-se nos arranhões do tampo de mogno da escrivaninha até o ardor arrefecer. Quando finalmente foi capaz de encontrar o olhar insondável dela, continuou calado, pois aprendera, havia muito tempo, que o silêncio é um instrumento poderoso. As pessoas se sentem desconfortáveis com o silêncio – apressam-se para preenchê-lo e, assim, acabam revelando muito.

Mas Sophia não disparou a falar, nervosa, como tantos fariam. Apenas o encarou com cautela, sem dizer nada. Nitidamente, estava preparada para esperar que Ross se manifestasse.

– Srta. Sydney – falou ele por fim –, meu escrivão me disse que a senhorita não informou a razão de sua visita.

– Se eu tivesse dito a ele, não teria conseguido sequer passar pela sua porta. Vim me candidatar ao cargo que o senhor está oferecendo.

Ross raramente se surpreendia com algo, já tendo visto e vivido muita coisa durante sua carreira. No entanto, a ideia de ter aquela moça trabalhando *ali*, para ele, era nada menos do que assombrosa. Ao que parecia, ela não tinha noção do que o trabalho envolvia.

– Estou em busca de um assistente, Srta. Sydney. Alguém que atue como escrivão e arquivista em meio período. A Bow Street não é lugar para uma mulher.

– O anúncio da vaga não especifica que seu assistente precisa ser homem – argumentou ela. – Sei ler, escrever, gerenciar as despesas de uma casa e lidar com livros de contabilidade. Por que não posso ser considerada apta para a vaga?

– Quantos anos a senhorita tem? – perguntou Ross abruptamente. – Vinte e dois? Vinte e três?

– Tenho 28, senhor.

– É mesmo?

Ross não acreditou. A Srta. Sydney parecia jovem demais para já ter alcançado aquela idade em que seria considerada uma solteirona irremediável.

– Sim, é mesmo – confirmou ela.

Parecendo achar graça da reação dele, Sophia se inclinou sobre a mesa, pousando as mãos diante de Ross.

– Dê uma olhada. Sempre se pode saber a idade de uma mulher pelas mãos dela.

Ross examinou as mãos à sua frente, apresentadas sem a menor vaidade. Não eram as mãos de uma menina, mas de uma mulher habilidosa, que sabia o que era trabalhar duro. Embora as unhas estivessem escrupulosamente limpas, eram mantidas muito curtas. Os dedos eram marcados por finas cicatrizes, provavelmente fruto de cortes e arranhões

acidentais, e por uma marca de queimadura em formato de crescente, provavelmente ocasionada por uma panela ou um tabuleiro.

Sophia voltou a se sentar. A luz se refletiu suavemente em seus belos cabelos castanhos.

– O senhor também não é como eu imaginava – comentou ela.

Ross arqueou a sobrancelha em uma expressão irônica de curiosidade.

– Ah, não?

– Imaginei que seria um cavalheiro mais velho e corpulento, de peruca e com um cachimbo na mão.

A imagem arrancou uma risada rouca de Ross, e ele se deu conta de que havia muito tempo não ouvia a própria risada. Por algum motivo, não conseguiu deixar de perguntar:

– Está desapontada por eu não corresponder ao que imaginou?

– Não – respondeu ela, parecendo um pouco ofegante. – Não estou desapontada.

A temperatura no escritório aumentou até o ponto de ebulição. Ross se perguntou se ela o achava atraente. Estava perto de completar 40 anos e alguns fios brancos já começavam a aparecer entre os cabelos pretos. Anos de trabalho incansável e de pouco sono deixaram suas marcas, e o ritmo exigente da vida que levava o deixara muito magro. Ross não tinha a aparência tranquila e mimada que se via em muitos homens casados da idade dele. É claro que esses homens não perambulavam pelas ruas à noite como ele fazia, investigando roubos e assassinatos, visitando prisões, contendo manifestações populares.

Ele notou que Sophia olhava ao redor com curiosidade. O escritório fora mobiliado de modo bastante modesto. Uma das paredes era coberta por mapas; outra, por estantes de livros. Só havia um quadro: uma paisagem com pedras, uma floresta, um riacho e colinas cinzentas se erguendo ao longe. Ross ficava encarando aquela pintura em momentos de agitação ou tensão. A escuridão fria e silenciosa da paisagem sempre o acalmava.

Ele retomou bruscamente a entrevista:

– Trouxe referências, Srta. Sydney?

– Não. Meu último empregador não me recomendaria.

– Por que não?

Só então a postura dela pareceu abalada, e ela enrubesceu intensamente.

– Trabalhei por muitos anos para uma prima distante. Ela me permitiu morar em sua casa depois que meus pais faleceram, ainda que eu não fosse uma mulher de grandes recursos. Em troca desse ato de caridade, precisei trabalhar como empregada da casa, cuidando de tudo o que fosse necessário. Acredito que Ernestine ficou satisfeita com meus esforços, até...

As palavras pareceram ficar presas na garganta de Sophia e o súbito suor fez sua pele ganhar um brilho perolado.

Ross já ouvira todas as histórias possíveis de tragédia, maldade e miséria humana durante seus dez anos como magistrado-chefe da Bow Street. Embora não fosse nada insensível, tinha aprendido a guardar certo distanciamento emocional das aflições dos que se colocavam diante dele, mas a ansiedade da Srta. Sydney lhe despertou um forte impulso de confortá-la, abraçá-la e acalmá-la. *Que diabo*, pensou, surpreso e aborrecido, tentando conter a urgência indesejada de proteger a mulher à sua frente.

– Continue, Srta. Sydney – disse secamente.

Ela assentiu e respirou fundo antes de prosseguir:

– Então fiz algo muito errado. Eu tive um amante, algo que nunca havia acontecido. Ele era hóspede de uma grande propriedade próxima ao vilarejo e nós... nos conhecemos durante uma caminhada. Nunca havia sido cortejada por ninguém como ele. Eu me apaixonei, e... – Ela desviou o olhar, aparentemente incapaz de continuar encarando Ross. – Esse homem prometeu se casar comigo, e eu, tola, acreditei. Quando ele se cansou de mim, me abandonou sem pensar duas vezes. É claro que agora me dou conta de como foi absurdo de minha parte pensar que um homem na posição dele me tomaria como esposa.

– Era um aristocrata? – perguntou Ross.

Sophia manteve a cabeça baixa, os olhos fixos no piso.

– Não exatamente. Ele era... é... o filho mais novo de uma família nobre.

– Seu nome?

– Prefiro não revelar, senhor. Tudo o que aconteceu é passado agora. O fato é que minha prima soube do *affair* pela dona da propriedade em que ele se encontrava, e ela também revelou que meu amante era casado. Nem preciso dizer que foi um escândalo, e Ernestine me mandou embora.

Sophia alisou o vestido em um gesto de nervosismo, as mãos correndo pelo tecido que cobria seu colo.

– Sei que isso denota um caráter imoral, mas juro ao senhor que não me entrego facilmente a... flertes. Se o senhor ao menos pudesse relevar esse deslize...

– Srta. Sydney – disse Ross, e esperou até que ela se forçasse a encará-lo de novo. – Eu seria um hipócrita se a condenasse pelo seu *affair*. Todos cometemos erros.

– Não o senhor, com certeza.

Ross abriu um sorriso irônico.

– Eu especialmente.

Os olhos azuis dela ficaram alertas.

– Que tipo de erros comete?

Ele achou a pergunta divertida. Gostou da ousadia daquela garota, e também da vulnerabilidade que isso escondia.

– Nada que a senhorita precise saber.

Ela abriu lentamente um sorriso.

– Então, continuarei acreditando que o senhor jamais cometeu erro algum.

Aquele era o tipo de sorriso que talvez se visse no rosto de uma mulher depois de uma ardente noite de amor. Pouquíssimas eram donas de uma sensualidade tão natural, de uma vivacidade que fazia um homem se sentir como um ganhão premiado em um haras. Estupefato, Ross se concentrou mais uma vez no tampo da escrivaninha. Lamentavelmente, isso não surtiu qualquer efeito em abrandar as imagens sensuais que invadiam seus pensamentos. Queria puxá-la para cima do mogno escorregadio e arrancar sua roupa. Queria beijar os seios dela, a barriga, as coxas... desbravar o que havia no meio das pernas e enfiar o rosto nas dobras macias, sentir seu aroma pungente e lambar e sugar até ela gritar em êxtase. Quando Sophia

estivesse pronta, ele abriria a calça, a penetraria fundo e arremeteria até satisfazer o desejo que o atormentava. Então...

Furioso com sua falta de autocontrole, Ross tamborilou os dedos na escrivaninha. E se esforçou para recuperar o fio da meada.

– Antes de discutirmos meu passado – disse ele –, é melhor nos atermos ao seu. Me diga, houve um filho como resultado desse *affair*?

– Não, senhor.

– Sorte a sua – disse ele.

– Sim, senhor.

– A senhorita nasceu em Shropshire?

– Não, senhor. Assim como meu irmão mais novo, nasci em uma pequena cidade em Severn. Nós...

Uma sombra de tristeza nublou a expressão dela. Ross percebeu que o passado lhe trazia muitas lembranças dolorosas.

– Nós ficamos órfãos quando nossos pais sofreram um acidente de barco e se afogaram. Eu não tinha completado 13 anos. Meu pai era visconde, mas possuíamos poucas terras e nenhum dinheiro para mantê-las. Não tínhamos parentes capazes nem dispostos a tomar conta de duas crianças praticamente pobres. Algumas pessoas do vilarejo se revezaram tomando conta de mim e do meu irmão, mas... – Ela hesitou e prosseguiu com mais cautela: – John e eu éramos bastante rebeldes. Corríamos pelo vilarejo fazendo besteiras, até que fomos pegos cometendo um pequeno furto na padaria local. Foi quando fui morar com Ernestine.

– E que fim levou seu irmão?

Ela respondeu com um olhar distante, os modos subitamente rígidos.

– Meu irmão faleceu. O título foi extinto e as terras da família estão sob custódia do Estado, já que não há nenhum homem aceitável para herdá-las.

O luto não era estranho a Ross, por isso era sensível ao sentimento. Ele compreendeu de imediato que, fosse lá o que tivesse acontecido com o irmão da Srta. Sydney, havia deixado uma cicatriz profunda em sua alma.

– Sinto muito – disse ele.

Ela permaneceu rígida, parecendo não ouvi-lo.

Depois de um longo momento, Ross falou, com voz rouca:

– Se seu pai era visconde, então eu deveria me dirigir à senhorita como “lady Sophia”.

Ela abriu um sorriso amargo.

– Imagino que sim. No entanto, seria bastante pretensioso de minha parte insistir em um título de cortesia, não acha? Meus dias como “lady Sophia” terminaram. Só quero encontrar um emprego adequado e, quem sabe, conseguir recomeçar minha vida.

Ross a encarou com atenção.

– Srta. Sydney, eu não poderia em sã consciência contratar uma mulher como minha assistente. Entre outras coisas, a senhorita teria que fazer a lista de ocupantes dos veículos que fazem o transporte de prisioneiros entre Newgate e aqui, reunir os relatórios dos patrulheiros da Bow Street e colher depoimentos de uma variedade de tipos absurdos que desfilam diariamente por este prédio. Essas tarefas seriam ofensivas à sensibilidade de uma mulher.

– Eu não me importaria – disse ela com tranquilidade. – Como já expliquei, não levei uma vida protegida, nem sou inocente. Não sou jovem, nem tenho uma reputação ou posição social a preservar. Muitas mulheres trabalham em hospitais, prisões e abrigos e convivem com todo tipo de pessoas desesperadas e fora da lei. Acho que, assim como elas, posso sobreviver.

– A senhorita não pode ser minha assistente – afirmou Ross com firmeza, erguendo a mão para silenciá-la quando ela tentou interrompê-lo. – Mas minha antiga governanta acabou de se aposentar e eu estaria disposto a contratar a senhorita para substituí-la. Seria uma ocupação muito mais adequada.

– Eu poderia cuidar de alguns assuntos domésticos – concedeu ela. – Além de trabalhar como sua assistente.

– Está propondo assumir os dois cargos? – perguntou Ross, e acrescentou, em tom irônico: – Não acha que talvez seja muito trabalho para uma pessoa só?

– Dizem que o senhor faz o trabalho de seis homens – retrucou ela. – Se

isso for verdade, saiba que eu certamente conseguiria fazer o trabalho de duas pessoas.

– Não estou lhe oferecendo dois cargos, Srta. Sydney. Apenas um... de governanta.

Estranhamente, o tom autoritário dele a fez sorrir. Era impossível não reconhecer o tom de desafio nos olhos dela, mas era uma provocação amigável, como se ela soubesse que ele não a deixaria escapar.

– Não, obrigada – disse Sophia. – Se não puder ter o que quero, não terei nada.

A expressão de Ross endureceu de uma forma que faria tremer até os patrulheiros mais experientes da Bow Street.

– Srta. Sydney, está claro que a senhorita não faz ideia dos perigos a que deseja se expor. Uma mulher atraente não deve de forma alguma se misturar com criminosos cujo comportamento vai de pequenos delitos a depravações que eu nem posso começar a descrever.

Ela pareceu não se abalar diante da perspectiva.

– Bem, eu estaria cercada por mais de uma centena de agentes da lei, que incluem policiais, a guarda montada e cerca de meia dúzia de patrulheiros da Bow Street. Me arrisco a dizer que seria mais seguro trabalhar aqui do que fazer compras na Regent Street.

– Srta. Sydney...

– Sir Ross – interrompeu Sophia.

Ela então se levantou e apoiou as mãos na escrivaninha. O vestido de decote alto não revelou nada quando ela se inclinou. Se estivesse usando um decote baixo, seus seios estariam expostos a ele como duas maçãs suculentas em uma bandeja. Terrivelmente excitado com a fantasia, Ross teve que se esforçar para se concentrar no rosto dela. Os lábios de Sophia se curvaram em um leve sorriso.

– O senhor não tem nada a perder em me deixar tentar – argumentou. – Me dê um mês para provar meu valor.

Ross a encarou com um olhar intenso. Havia um toque proposital no charme que ela exibia. Sophia estava tentando manipulá-lo para que ele lhe desse algo que ela queria, e estava conseguindo. Mas por que, em nome de

Deus, aquela mulher queria trabalhar para ele? Subitamente, Ross se deu conta de que não poderia deixar que ela fosse embora sem descobrir seus motivos.

– Se eu não conseguir agradá-lo, basta o senhor contratar outra pessoa.

Ross era conhecido por ser um homem extremamente racional. Não seria nada prático para ele contratar aquela mulher. Na verdade, seria uma estupidez. Ele sabia exatamente como as pessoas na Bow Street interpretariam aquilo. Presumiriam que a contratara por se sentir atraído por ela. E a verdade, por mais desconfortável que fosse, era que estariam certas. Fazia muito tempo que ele não se sentia tão intensamente atraído por uma mulher. Ross queria tê-la por perto, apreciar sua beleza e sua inteligência e descobrir se o interesse poderia ser mútuo. Ele pesou os prós e os contras de uma decisão como aquela, mas seus pensamentos foram subjugados por um ardor físico que se recusava a ceder.

E, pela primeira vez em sua carreira, Ross ignorou a razão em favor do desejo.

Carrancudo, pegou uma pilha aleatória de papéis e entregou a ela.

– Está familiarizada com o *Hue and Cry*?

Ela aceitou a pilha com uma expressão de cautela.

– Creio que seja a publicação semanal com os acontecimentos da polícia, certo?

Ross assentiu.

– Aqui temos inúmeras descrições de malfeitores e detalhes de seus crimes. É um dos instrumentos mais eficazes para capturarmos criminosos, em particular os que vêm de condados fora da minha jurisdição. Essa pilha que lhe dei tem informações dos prefeitos e magistrados de toda a Inglaterra.

Sophia examinou algumas poucas anotações no topo da pilha e as leu em voz alta.

– “Arthur Clewen, ferreiro por ofício, cerca de um metro e oitenta de altura, cabelos escuros e cacheados, voz afeminada, nariz grande, acusado de fraude em Chichester... Mary Tompson, codinome Hobbes, codinome

Chiswit, jovem de constituição alta e magra, com cabelos lisos e claros, acusada de assassinato à faca em Wolverhampton...”

– Essas anotações devem ser compiladas e copiadas toda semana – informou Ross, lacônico. – É um trabalho tedioso e tenho questões muito mais importantes para resolver. Então, de agora em diante, essa será uma das suas responsabilidades.

Ele apontou para uma mesinha em um canto, em que cada centímetro da superfície arranhada estava coberto por livros, pastas e correspondência.

– A senhorita pode trabalhar ali. Será preciso dividir a sala comigo, pois não tenho outro lugar onde acomodá-la. Mas passo a maior parte do tempo fora, em investigações.

– Estou contratada, então – concluiu Sophia, a voz carregada de satisfação. – Obrigada, sir Ross.

Ele lançou a ela um olhar irônico.

– Se eu a considerar inadequada para o cargo, a senhorita aceitará minha decisão sem protestar.

– Sim, senhor.

– Mais uma coisa: a senhorita não terá a incumbência de receber o veículo com os prisioneiros toda manhã. Vickery fará isso.

– Mas o senhor disse que essa tarefa era parte da responsabilidade de um assistente, e eu...

– Está discutindo comigo, Srta. Sydney?

Ela fechou abruptamente a boca.

– Não, sir Ross.

Ele assentiu brevemente.

– O *Hue and Cry* deve estar terminado até as duas da tarde. Depois disso, vá ao número 4 da Bow Street e procure um rapaz de cabelos escuros chamado Ernest. Diga a ele onde estão os seus pertences. Ernest pegará tudo para a senhorita depois que deixar o *Hue and Cry* na gráfica.

– Não há necessidade – protestou Sophia. – Eu mesma posso ir até a hospedaria em um momento mais propício.

– A senhorita não andará mais sozinha por nenhum lugar de Londres.

De agora em diante, está sob minha proteção. Se quiser ir a algum lugar, será acompanhada por Ernest ou por um dos patrulheiros.

Sophia não gostou disso e Ross viu o lampejo de ressentimento em seus olhos. Mesmo assim, ela não discutiu, ao que ele retomou o discurso em um tom profissional.

– A senhorita terá o resto do dia para se familiarizar com a corregedoria de justiça, e também com a parte residencial. Mais tarde vou apresentá-la aos colegas, quando aparecerem para as sessões na corte.

– Também serei apresentada aos patrulheiros da Bow Street?

– Duvido que consiga evitá-los por muito tempo – disse ele com ironia.

Pensar na reação dos patrulheiros à contratação de uma mulher como sua assistente fez Ross cerrar os lábios, tenso. Será que era por isso que Sophia queria trabalhar ali? Para mulheres de toda a Inglaterra, os patrulheiros eram objeto de fantasias românticas. A imaginação dessas mulheres era alimentada por romances populares que retratavam os patrulheiros como heróis. Talvez Sophia desejasse conquistar um deles. Se fosse esse o caso, não teria que se esforçar muito. Os patrulheiros eram homens cheios de vigor sexual e apenas um deles era casado.

– A propósito, não tolero qualquer envolvimento romântico na Bow Street – avisou Ross. – É proibido a patrulheiros, policiais e escrivães. Naturalmente, não farei qualquer objeção se a senhorita desejar se envolver com alguém de *fora* da corregedoria.

– E o senhor? – perguntou Sophia, baixinho, surpreendendo-o. – Também está fora de alcance?

Perplexo e cheio de desejo, Ross se perguntou que tipo de jogo aquela mulher estava pretendendo fazer. Manteve a expressão neutra ao responder:

– Naturalmente.

Ela deu um sorrisinho e foi até a pequena mesa abarrotada de trabalho por fazer.

Em menos de uma hora, Sophia já havia organizado e copiado as anotações com eficiência, em uma letra elegante que certamente encantaria o responsável na gráfica. Era tão silenciosa e discreta em seus movimentos que Ross teria esquecido sua presença, não fosse pelo perfume que pairava

no ar. O aroma era uma distração tentadora que ele não conseguia ignorar. Ross respirou fundo, tentando identificar a fragrância. Detectou chá e baunilha, misturados ao elixir quente da pele feminina. Ao lançar olhares de soslaio para o perfil delicado de Sophia, viu-se fascinado pela luz refletida nos cabelos dela. As orelhas e o nariz eram pequeninos, e ela tinha um queixo bem definido e cílios longos, que projetavam pequenas sombras no rosto.

Absorta em sua tarefa, Sophia se inclinou sobre o papel e escreveu algo com cuidado. Ross não pôde deixar de imaginar como seria sentir aquelas mãos competentes no corpo dele. Seriam quentes ou frias? Ela tocaria um homem com hesitação ou com ousadia? A aparência de Sophia era delicada, dócil, mas havia um toque provocador por trás daquela fachada... uma insinuação de que ela seria capaz de se entregar ao desejo caso um homem conseguisse tocar seu coração.

Aquele pensamento fez com que a pulsação de Ross disparasse. Amaldiçoou a si mesmo. A força de seu desejo parecia preencher o escritório. Como era estranho que nos últimos meses, nos últimos anos, o celibato tivesse sido perfeitamente tolerável... até agora. De repente, tornara-se insuportável. Ross queria desesperadamente sentir a carne macia de uma mulher, o sexo quente se fechando em torno do membro dele, uma boca doce retribuindo seus beijos.

No exato momento em que o desejo alcançou um ponto excruciante, Sophia se aproximou da escrivaninha de Ross com as cópias.

– Está do seu agrado? – perguntou ela.

Ele examinou rapidamente as folhas, mal compreendendo as linhas de caligrafia elegante. Ross assentiu brevemente e devolveu os papéis.

– Entregarei a Ernest, então – disse Sophia.

Seu vestido farfalhou levemente quando ela saiu. A porta se fechou com um clique suave, dando a Ross uma privacidade de que ele precisava muito naquele momento. Soltou o ar com força e foi até a cadeira em que Sophia se sentara. Passou os dedos pelo assento e pelos braços. Movido por uma ânsia primitiva, procurou qualquer traço de calor que as mãos dela pudessem ter

deixado na madeira. Respirou fundo, tentando absorver um pouco do perfume dela que ainda pairava no ar.

Sim, pensou, com uma agitação puramente masculina, o celibato tinha durado muito tempo.

Embora se visse frequentemente atormentado pelas necessidades físicas, Ross respeitava as mulheres, por isso não procurava prostitutas. Acabara conhecendo bem a profissão da perspectiva da cadeira de magistrado e não tiraria vantagem de mulheres. Mais ainda, o ato seria debochar do que ele e a esposa haviam compartilhado.

Ross havia considerado a ideia de se casar de novo, mas ainda não tinha encontrado qualquer mulher que lhe parecesse sequer remotamente adequada. A esposa de um magistrado da polícia teria que ser forte e independente. E teria que se adaptar com facilidade tanto aos círculos sociais que a família dele frequentava quanto ao mundo sombrio da Bow Street. Acima de tudo, teria que se satisfazer com a amizade dele, já que não teria seu amor. Ross não se permitiria amar de novo, não como amara Eleanor. A dor de perdê-la tinha sido grande demais, e seu coração se partira com a morte dela.

Pena que a necessidade de sexo não podia ser ignorada com a mesma facilidade que a necessidade de amor.



Por décadas, o número 4 da Bow Street servira como residência particular, corregedoria de justiça e tribunal. No entanto, quando fora indicado como magistrado-chefe, dez anos antes, sir Ross Cannon expandira seus poderes e sua jurisdição até se tornar necessário comprar o prédio adjacente. Agora, o número 4 da rua servia basicamente de residência particular para sir Ross, enquanto no número 3 funcionavam os escritórios, as salas de tribunais e de depoimentos, e no subsolo havia uma sala de detenção onde os prisioneiros eram mantidos e interrogados.

Sophia se familiarizou rapidamente com a distribuição dos cômodos do número 4 enquanto procurava pelo mensageiro. Encontrou Ernest na

cozinha do térreo, almoçando pão e queijo diante de uma mesa de madeira grande. O rapaz de cabelos escuros e membros desengonçados ficou profundamente ruborizado quando Sophia se apresentou. Depois que ela lhe entregou o *Hue and Cry* e pediu a ele que fosse buscar os pertences dela em uma hospedaria próxima, Ernest saiu em disparada, como um cão terrier perseguindo um rato.

Aliviada por estar sozinha, Sophia foi até a despensa e viu prateleiras de ardósia onde era possível encontrar, entre outras coisas, uma peça de queijo, um pote de manteiga, uma jarra de leite e cortes de carne. O pequeno cômodo era escuro, cheio de sombras e silencioso, exceto pelo gotejar ritmado da água na parte das carnes. Subitamente, ela não suportou mais conter a tensão que se acumulara por toda aquela tarde e sentiu o corpo tremer até começar a bater os dentes. Lágrimas quentes se acumularam em seus olhos, e Sophia os pressionou para contê-las.

Santo Deus, como ela o odiava.

Fora preciso usar toda a sua força de vontade para permanecer sentada naquele escritório abarrotado, forçando uma aparência serena enquanto por dentro o sangue fervia de ódio. Havia escondido bem a antipatia que sentia e achava que conseguira até mesmo fazer com que ele a desejasse. Os olhos do homem haviam cintilado com um desejo relutante, que ele não conseguira disfarçar totalmente. Aquilo era bom... era o que ela esperava. Porque queria fazer algo pior do que matar sir Ross Cannon. Pretendia arruiná-lo de todas as formas possíveis e fazê-lo sofrer até que ele preferisse a morte. E, de algum modo, o destino parecia estar ajudando-a a concretizar seu plano.

Desde o momento em que vira o anúncio no *Times*, sobre a vaga de assistente para os escritórios da Bow Street, um plano completo se formara em sua mente. Conseguiria o emprego e, assim, teria acesso a registros e arquivos. Acabaria encontrando o que precisava para destruir a reputação de sir Ross e forçá-lo a se afastar do cargo.

Havia rumores de corrupção envolvendo os patrulheiros e suas atividades – relatos de batidas policiais ilegais, de brutalidade e intimidação, isso sem mencionar ações fora da jurisdição correspondente. Todos sabiam que sir Ross e sua “gente”, como ele os chamava, eram a encarnação da lei.

Mas uma vez que o povo, já desconfiado, recebesse provas sólidas da má conduta desses agentes, o modelo de perfeição personificado por sir Ross Cannon seria arruinado além de qualquer redenção. Sophia desencavaria qualquer informação que fosse necessária para provocar a derrocada dele.

Mas aquilo não era o bastante. Queria que a traição fosse mais profunda, mais dolorosa. Pretendia seduzir o homem conhecido como o Monge da Bow Street e levá-lo a se apaixonar por ela. Então viraria o mundo dele de cabeça para baixo.

Sophia conseguiu conter as lágrimas e se virou para encostar a testa na ardósia fria de uma das prateleiras, deixando escapar um suspiro trêmulo. Um objetivo a fazia seguir em frente: sir Ross pagaria por ter lhe tirado a última pessoa no mundo que a amara. John, cujos restos mortais tinham sido enterrados em uma vala comum, misturados aos esqueletos apodrecidos de ladrões e assassinos.

Sophia recuperou o autocontrole e repassou mentalmente o que conseguira descobrir sobre sir Ross até ali. Ele não era, de forma alguma, o que ela imaginara. Tinha esperado encontrar um homem pesado e pomposo, corrupto, vaidoso, com uma papada sob o queixo. Não queria que ele fosse atraente.

Mas sir Ross *era* belo, por mais que Sophia odiasse admitir isso. Era um homem em seu auge, alto, de ombros largos, só um tanto magro demais. Tinha feições fortes e austeras, sobrancelhas escuras e retas e os olhos mais extraordinários que ela já vira. Eram de um cinza-claro, tão brilhantes que pareciam guardar a energia do clarão de um relâmpago que tivesse sido capturado nas íris de bordas negras. E o homem tinha uma característica que a enervava, uma volubilidade intensa que ardia por trás da aparência reservada. Além disso, sir Ross se sentia confortável com a própria autoridade, era um homem capaz de tomar decisões e de conviver com elas, não importando os resultados.

Ao ouvir alguém entrando pela porta da cozinha que levava à rua, Sophia saiu da despensa. Deparou com uma mulher não muito mais velha do que ela, magra, de cabelos escuros e dentes ruins. Mas o sorriso era sincero e ela estava arrumada e limpa, com um avental bem passado. A

criada responsável pela cozinha, deduziu Sophia, e dirigiu um sorriso simpático à mulher.

– Olá – disse a outra, em um tom tímido, fazendo uma mesura. – Posso ajudá-la, senhorita?

– Olá. Sou a Srta. Sydney, a nova assistente de sir Ross.

– Assistente – repetiu a mulher, confusa. – Mas a senhorita não é homem...

– De fato – confirmou Sophia em um tom tranquilo enquanto examinava a cozinha.

– Sou a encarregada da cozinha, Eliza – apresentou-se a mulher, encarando Sophia com os olhos arregalados. – Há outra criada, Lucie, e um mensageiro...

– Ernest? Sim, já o conheci.

A luz do dia entrava pelas janelas, revelando uma cozinha pequena, mas bem montada, com piso de pedra. Um fogão de tijolos, com o topo em ferro fundido e suportes de pedra, havia sido construído contra uma das paredes. Quatro ou cinco panelas poderiam ser aquecidas em temperaturas diferentes em um fogão daqueles. Um moedor de ferro cilíndrico tinha sido preso horizontalmente na parede, a abertura nivelada com o fogão para liberar o café moído.

– Ah, deve ser maravilhoso cozinhar aqui!

Eliza fez uma careta.

– Sei fazer o básico, como minha mãe me ensinou. E não me incomoda fazer compras e arrumar a casa. Mas não gosto de ficar parada na frente do fogão, cuidando de panelas... as coisas nunca parecem sair bem.

– Talvez eu possa ajudar – ofereceu Sophia. – Gosto de cozinhar.

Eliza se animou ao ouvir isso.

– Seria maravilhoso, senhorita.

Sophia examinou o armário da cozinha, com sua variedade de panelas, frigideiras, jarros e utensílios. Uma fileira de fôrmas de cobre enegrecido pendia de ganchos na lateral, claramente precisando ser muito bem areadas. Outros itens também precisavam de atenção. Os panos usados para auxiliar no preparo de gelatinas e outras sobremesas, acomodados em uma prateleira

do armário, estavam manchados e precisavam ser deixados de molho. As peneiras pareciam sujas e um cheiro desagradável emanava dos ralos da pia, que precisavam ser limpos com uma boa quantidade de bicarbonato de sódio.

– Todos comemos na cozinha, o patrão, os criados e os policiais – informou Eliza, indicando a mesa de madeira que ocupava boa parte do aposento. – Não há um salão de jantar decente. Sir Ross faz as refeições aqui ou no escritório.

Sophia olhou para a prateleira do armário onde ficavam as especiarias, o chá e um saco com grãos de café. Procurou colocar um tom neutro na voz quando perguntou:

– Sir Ross é um bom patrão?

– Ah, sim, senhorita! – respondeu a criada prontamente. – Embora seja meio estranho às vezes.

– Estranho como?

– Às vezes passa dias sem fazer uma única refeição decente. E chega a dormir sentado diante da escrivaninha em vez de ir para a cama e ter uma boa noite de sono.

– Por que trabalha tanto?

– Ninguém sabe, talvez nem o próprio sir Ross. Dizem que ele era diferente antes da morte da esposa. Ela morreu ao dar à luz, e desde então ele se tornou... – Eliza buscou uma palavra apropriada.

– Distante? – sugeriu Sophia.

– Isso, distante, frio. Não tolera qualquer sinal de fraqueza em si mesmo e não se interessa por nada além dos deveres.

– Talvez ele se case de novo algum dia.

Eliza deu de ombros e sorriu.

– Ora, muitas damas elegantes ficariam felizes em tê-lo como marido! Elas aparecem no escritório de sir Ross para pedir ajuda para suas obras de caridade, ou para reclamar de batedores de carteira, coisas assim, mas é óbvio que, no fundo, querem chamar a atenção dele. Quanto menos interesse sir Ross demonstra, mais elas o perseguem.

– Sir Ross às vezes é chamado de o Monge da Bow Street – murmurou

Sophia. – Isso quer dizer que ele nunca...

Ela fez uma pausa ao sentir o rosto corar.

– Só ele poderia confirmar ou desmentir isso – disse Eliza, em um tom pensativo. – Mas seria uma pena, não é? Um desperdício para um homem bom e saudável.

Os dentes tortos da moça cintilaram em um sorriso e ela piscou para Sophia.

– Mas acho que algum dia a mulher certa vai saber seduzi-lo, não acha?

Sim, pensou Sophia com satisfação. Seria ela a acabar com os hábitos de monge de sir Ross. Ganharia a confiança dele, talvez até mesmo o seu amor... e usaria isso para destruí-lo.



Como as novidades se espalhavam rápido pela Bow Street, Ross não ficou surpreso quando ouviu batidas na porta de seu escritório menos de quinze minutos depois de Sophia ter partido. Um dos assistentes de magistrado, sir Grant Morgan, entrou na sala.

– Bom dia, Cannon – cumprimentou Morgan, os olhos verdes cintilando em uma expressão bem-humorada.

Ninguém poderia duvidar de que o sujeito estava se deleitando com a vida de recém-casado. O fato de o antes impassível Morgan estar tão abertamente apaixonado pela esposa era motivo de um misto de inveja e diversão para os outros patrulheiros.

Com quase dois metros de altura, Grant Morgan era o único homem que fazia Ross ter que levantar a cabeça para encará-lo. O patrulheiro – que ficara órfão muito novo e já trabalhara na barraca de um peixeiro em Covent Garden – havia se alistado para ser guarda de rua aos 18 anos e fora rapidamente promovido ao longo de todo o escalão hierárquico, até Ross selecioná-lo para se juntar à força de elite que reunia meia dúzia de patrulheiros. Recentemente, Morgan fora designado para assumir o cargo de magistrado-assistente. Ele era um bom homem, honesto e inteligente, e uma das poucas pessoas no mundo em quem Ross confiava.

Morgan puxou a cadeira diante da escrivaninha de Ross e acomodou o corpo grande no assento de couro. Então encarou o chefe com uma expressão especulativa.

– Vi a Srta. Sydney de relance – comentou. – Vickery me disse que ela é sua nova assistente. Naturalmente respondi que ele devia estar enganado.

– Por quê?

– Porque contratar uma mulher para um cargo desses seria impraticável. Além do mais, contratar uma mulher atraente como a Srta. Sydney para trabalhar na Bow Street seria uma imensa tolice. E como nunca imaginei que lhe faltasse senso prático, ou que você fosse tolo, disse a Vickery que ele estava errado.

– Não está – murmurou Ross.

Morgan inclinou o corpo para o lado e segurou o queixo com o polegar e o indicador enquanto fitava o magistrado-chefe com curiosidade.

– Ela vai ser escritã e arquivista? E vai colher depoimentos de assaltantes, ladrões, prostitutas que batem carteiras e...

– Sim – interrompeu Ross, irritado.

Morgan ergueu as sobrelanceiras grossas em uma expressão de grande espanto.

– Só para enfatizar o óbvio, todo homem que passar por este lugar, e os patrulheiros não serão exceção, vai ficar atrás dela como uma abelha ao redor de um pote de mel. Ela não vai conseguir fazer absolutamente nada do trabalho. A Srta. Sydney é sinônimo de problemas e você sabe disso – falou Morgan, e, depois de uma pausa, acrescentou lentamente: – O que me interessa é saber por que você a contratou mesmo assim.

– Isso não é da sua conta. A Srta. Sydney é *minha* funcionária. Eu contrato quem eu quiser e é melhor que os homens a deixem em paz, caso contrário irão responder a mim.

Morgan encarou o chefe com uma expressão avaliativa de que Ross não gostou.

– Me perdoe – disse ele, tranquilo. – Vejo que está melindroso em relação a esse assunto.

– Maldição, Morgan! Não estou melindroso!

O outro reagiu com um sorriso extremamente irritante.

– Acho que é a primeira vez que vejo você praguejar, Cannon.

Ross compreendeu tarde demais o motivo da expressão divertida de Morgan. De algum modo, sua fachada normalmente fria havia rachado. Ele se esforçou para disfarçar a irritação, tamborilando os dedos na mesa em um *staccato* impaciente.

Morgan acompanhou os esforços com um sorriso. E, ao que parecia, não se conteve antes de fazer mais um comentário.

– Ora, um ponto ninguém irá discutir... ela será uma escritã muito mais agradável aos olhos do que Vickery.

Ross o encarou com um olhar severo.

– Morgan, a próxima vez que eu estiver selecionando um funcionário, vou me certificar de contratar uma velha de dentes tortos só para agradar você, está bem? Agora, podemos falar sobre outro assunto... talvez até alguma coisa relacionada a trabalho, quem sabe?

– Claro – concordou Morgan, tranquilo. – Na verdade, vim atualizá-lo sobre Nick Gentry.

Ross estreitou os olhos ao ouvir aquele nome. De todos os criminosos que desejava capturar, julgar e mandar para a forca, Gentry era facilmente o primeiro da lista. Ele era o oposto de tudo que Ross buscava defender.

Nick Gentry e seus homens haviam se aproveitado da lei que recompensava qualquer cidadão que capturasse um ladrão, salteador ou desertor para estabelecerem um escritório em Londres e se autodesignarem como apanhadores profissionais de ladrões. Quando Gentry pegava um bandido, não apenas recebia uma comissão pela apreensão como também ficava com o cavalo, as armas e o dinheiro desse meliante. Se recuperasse bens roubados, não só ganhava mais como também recebia um percentual do valor dos bens recuperados. Quando Gentry e seus homens não conseguiam reunir provas suficientes contra alguém em particular, plantavam ou produziam evidências. Eles também arregimentavam rapazes para o crime, com o único propósito de prendê-los mais tarde e receber as recompensas.

Gentry era visto com um misto de admiração e medo no submundo,

onde era rei incontestado. Seu escritório havia se tornado o ponto de encontro de todos os criminosos conhecidos da Inglaterra. Ele era culpado de todos os tipos de delito, inclusive fraude, chantagem, roubo e até assassinato. E o mais enlouquecedor de tudo é que o homem era considerado por uma grande parte do povo de Londres um benfeitor público. Ostentava uma bela figura em suas roupas elegantes e atravessava becos e vielas em um grande cavalo negro. Meninos sonhavam ser como ele quando crescessem. Mulheres de classe alta ou baixa eram seduzidas por sua aparência intrigante.

– Gostaria de ver aquele desgraçado balançando ao vento na forca – murmurou Ross. – O que você tem?

– Duas testemunhas que dizem que Gentry organizou a fuga de três homens dele de Newgate. O escrivão já colheu o depoimento de ambas.

Ross ficou absolutamente imóvel, como um predador farejando sua presa mais desejada.

– Traga-o para ser interrogado – falou. – E faça isso logo, antes que ele suma.

Morgan assentiu, sabendo que se Gentry farejasse o perigo e decidisse se esconder, seria impossível localizá-lo.

– Presumo que você mesmo vai querer interrogá-lo, certo?

Ross assentiu. Normalmente teria deixado essa tarefa nas eficientes mãos de Morgan, mas não no caso de Nick Gentry. O homem era seu adversário pessoal, e Ross empreendera muito esforço na intenção de desmascarar o astuto apanhador de ladrões.

– Muito bem, senhor – disse Morgan, levantando-se da cadeira. – Vou detê-lo assim que for localizado. Vou destacar Sayer e Gee imediatamente para cuidarem disso.

Morgan fez uma pausa e um sorriso irônico suavizou sua expressão séria e dura.

– Isto é, se não estiverem todos ocupados demais babando pela sua assistente.

Ross teve grande dificuldade de conter uma resposta ríspida e sentiu seu

temperamento normalmente controlado se inflamar diante da ideia de Sophia Sydney sendo assediada pelos homens dele.

– Me faça um favor, Morgan – falou Ross entre os lábios cerrados. – Quero que todos fiquem cientes de que, se qualquer um dos patrulheiros, ou qualquer membro da guarda a pé ou montada, importunar a Srta. Sydney, vai se arrepender.

– Sim, senhor.

Morgan se virou para sair, mas não antes de Ross perceber a sombra de um sorriso em seus lábios.

– Qual é a graça, Morgan?

O outro respondeu em um tom tranquilo:

– Estava apenas pensando, senhor, que talvez acabe se arrependendo de não ter contratado uma velha de dentes tortos.



Depois de compartilhar uma refeição noturna, ensopado requentado de carneiro, Sophia arrumou seus pertences no quarto do segundo andar que lhe fora designado. Era um cômodo muito pequeno, mobiliado de forma simples. No entanto, era limpo, a cama parecia confortável, e havia outra vantagem da qual Sophia gostou. A janela do quarto dava para o lado oeste do número 3 da Bow Street, permitindo que visse diretamente o escritório de Cannon. A luz da luminária destacava o contorno da cabeça de cabelos pretos e realçou seu perfil quando ele se virou na direção das estantes de livros. Era tarde e ele já deveria ter se recolhido. No mínimo, deveria estar saboreando uma boa ceia em vez do prato sem graça de ensopado de carneiro que Eliza lhe mandara.

Sophia vestiu a camisola e voltou à janela, onde o viu esfregar o rosto e se inclinar diligentemente sobre a mesa. Pensou em todas as coisas que Eliza e Lucie haviam lhe contado sobre o magistrado-chefe. Com o típico apreço por fofocas da criadagem, haviam fornecido a Sophia uma boa quantidade de informações.

Parecia que os defensores de sir Ross, que eram muitos, o reverenciavam

por sua compaixão, enquanto um número igualmente grande de críticos o denunciava por sua dureza. Cannon era o magistrado mais poderoso da Inglaterra, chegando a agir como um conselheiro não oficial do governo. Ele treinava os patrulheiros com métodos modernos e aplicava princípios científicos à manutenção da ordem pública de um modo que provocava tanto admiração quanto desconfiança no povo. Sophia achava divertido ver Eliza e Lucie tentando explicar como os patrulheiros às vezes solucionavam crimes examinando dentes, cabelos, projéteis e ferimentos. Nada daquilo fazia sentido para ela, mas, ao que parecia, as técnicas de sir Ross haviam conseguido desemaranhar mistérios tão intrincados quanto o nó górdio.

Os criados tinham sir Ross em alta conta, assim como todos os que trabalhavam na Bow Street. Sophia acabou chegando à inquietante conclusão de que o magistrado não era tão mau como ela imaginara. O que em nada alterava sua determinação de vingar a morte do irmão. Na verdade, a fidelidade exagerada aos próprios princípios provavelmente tinha sido o que levara à tragédia que havia tirado a vida de John. Sem dúvida, sir Ross pautava a vida pela carta da lei, colocando os princípios acima da compaixão e a legislação acima da piedade.

O pensamento provocou uma onda de fúria renovada em Sophia. Quem era aquele homem para decidir quem vivia ou morria? Por que ele se dava o direito de julgar os outros? Era assim tão infalível, tão sábio, tão perfeito? Ele provavelmente achava que sim, aquele desgraçado arrogante.

Mas ela ficou impressionada ao se lembrar da facilidade com que ele a perdoara naquela manhã, quando ela confessara a história do seu breve *affair*. A maior parte das pessoas a teria tachado de meretriz e diria que a dispensa dela fora merecida. Sophia esperara que sir Ross a censurasse. Em vez disso, pareceu compreensivo e bondoso, chegando a admitir que ele mesmo já cometera erros.

Perturbada, ela afastou para o lado a delicada cortina de musselina a fim de ter uma visão mais ampla da janela do escritório.

Como se pudesse sentir o olhar de Sophia, sir Ross se virou e olhou diretamente para ela. Embora não houvesse lampião ou vela acesos no

quarto dela, o luar era suficiente para iluminá-la. Ele conseguiria ver que Sophia usava apenas uma camisola fina.

Sendo um cavalheiro, sir Ross deveria ter desviado os olhos imediatamente, mas não o fez. Seguiu encarando Sophia com firmeza, como um lobo faminto com os olhos fixos em um coelho que se aventurava longe demais da toca. Embora todo o corpo de Sophia ardesse de constrangimento, ela se demorou ali, deixando que ele a observasse bem. E contou silenciosamente os segundos: um... dois... três. Então se afastou devagar para o lado, fechou a cortina e levou as mãos ao rosto quente. Deveria estar satisfeita por ele ter se demorado fitando-a de camisola. Mas a verdade era que se sentia profundamente desconfortável, quase assustada, como se o plano de seduzi-lo e destruí-lo talvez acabasse fazendo o mesmo com ela.

CAPÍTULO 2

Ross começou o dia como sempre, cuidando da higiene matinal com eficiência e rapidez e vestindo um paletó escuro e calça cinza, como de costume. Prendeu a gravata de seda negra em um nó simples e penteou os cabelos até estarem bem arrumados. Ao checar rapidamente seu reflexo no espelho ao lado da bacia, viu que as olheiras estavam mais profundas do que o normal. Não havia dormido bem. Seus pensamentos tinham sido tomados por Sophia, o corpo ardendo com a consciência de que ela dormia a poucos cômodos de distância.

Tinha sido impossível parar de pensar na visão que vislumbrara pela janela, os longos cabelos soltos, a camisola diáfana à luz do luar. Ross fora absolutamente seduzido pela imagem, o sangue disparando nas veias ao imaginar como seria aquele corpo feminino por baixo da camisola.

Ross retomou a compostura e jurou para si mesmo que não haveria mais devaneios noturnos no que se referia a Sophia. Sem fantasias e, certamente, sem olhares para a janela dela. Dali em diante, se dedicaria apenas ao trabalho, como sempre.

Com uma determinação severa, desceu para a cozinha com a intenção de pegar seu primeiro bule de café e levar para o escritório. Depois disso, faria sua caminhada matinal por Covent Garden e pelas ruas ao redor, como um médico fazendo a ronda para checar o estado de seus pacientes. Independentemente do nível de detalhamento dos relatórios dos patrulheiros da Bow Street, nada se comparava a ver e ouvir as coisas por si mesmo.

Ross sentia prazer na sequência ordenada de atividades diárias da Bow Street.

Logo depois do amanhecer, os sinos da igreja de St. Paul se faziam ouvir por Covent Garden e ao longo das fachadas de lojas e residências. Os sons das carroças dos mercados faziam persianas e cortinas se abrirem, assim como os gritos dos vendedores de bolos e dos meninos jornaleiros. Às sete horas, o cheiro de pão recém-saído do forno exalava da padaria, e às oito os clientes começavam a atravessar as portas dos cafés. Quando o relógio marcava nove horas, as pessoas se reuniam diante do comissariado na Bow Street, esperando que os escrivães e policiais abrissem as portas. Às dez, o magistrado designado para o dia – que, naquele dia, por acaso seria Morgan – assumia seu lugar no tribunal.

Tudo como deve ser, pensou Ross, satisfeito.

Quando entrou na cozinha, avistou Ernest sentado diante da mesa gasta. O rapaz devorava o café da manhã como se não fizesse uma refeição decente havia meses. Sophia estava diante do fogão, ao lado da cozinheira muito magra, aparentemente ensinando como preparar o cardápio matinal.

Ela virava com traquejo as panquecas em uma frigideira. A cozinha exalava um aroma particularmente agradável naquele dia, uma mistura de bacon frito, café fresco e massa sendo assada.

Sophia parecia bem-disposta e saudável, as curvas elegantes de seu corpo destacadas pelo avental branco que cobria o vestido cinza-grafite. Os cabelos brilhantes estavam presos em um coque no alto da cabeça com uma fita azul. Um sorriso iluminou seus olhos cor de safira quando ela viu Ross parado na porta. Sophia estava tão linda que ele se sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

– Bom dia, sir Ross – disse ela. – Aceita o café da manhã?

– Não, obrigado – respondeu ele automaticamente. – Só vim buscar um bule de café. Eu nunca...

Ross se deteve quando a cozinheira colocou sobre a mesa a travessa com uma pilha de panquecas com calda de amoras-pretas. Ele tinha uma queda especial por amoras-pretas.

– Só uma, ou duas? – sugeriu Sophia em um tom persuasivo.

Subitamente se tornou bem menos importante para Ross se ater aos hábitos de sempre. Talvez pudesse abrir espaço para tomar um café da manhã rápido, argumentou consigo mesmo. Um atraso de cinco minutos não faria diferença na agenda dele.

Ross se viu sentado à mesa, diante de um prato de panquecas, bacon crocante e ovos quentes. Sophia encheu uma xícara com café fumegante e sorriu para ele mais uma vez antes de voltar ao seu lugar ao lado de Eliza, no fogão. Ross pegou o garfo e ficou olhando para ele como se não soubesse exatamente o que fazer.

– Está gostoso, senhor – se arriscou a dizer Ernest, enchendo a boca com tanta voracidade que parecia prestes a engasgar.

Ross deu uma mordida na panqueca encharcada de calda de fruta e tomou um gole de café quente. À medida que comia, foi sendo tomado por uma sensação estranha de bem-estar. Santo Deus, já fazia muito tempo que não comia nada além da comida lamentável que Eliza preparava.

Durante os minutos seguintes, Ross comeu todas as panquecas do prato. De vez em quando Sophia enchia novamente a xícara dele, ou oferecia mais bacon. O calor aconchegante da cozinha e a visão de Sophia andando pelo cômodo provocaram um prazer indesejado. Ross pousou o garfo, se levantou e olhou para ela sem sorrir.

– Preciso ir agora. Obrigado pelo café da manhã, Srta. Sydney.

Mais uma xícara de café foi colocada nas mãos dele e os olhos azules de Sophia o encararam.

– Vai passar o dia no escritório, senhor?

Ross balançou a cabeça, fascinado pelos fios de cabelo colados à testa dela. O calor do forno deixara o rosto de Sophia rosado e brilhante. Ele teve vontade de beijá-la, de lambê-la, de saboreá-la.

– Vou passar a maior parte da manhã fora – respondeu Ross, com voz áspera. – Estou no meio de uma investigação. Houve um assassinato na Russel Square ontem à noite.

– Tenha cuidado.

Já fazia muito tempo desde a última vez que alguém lhe dissera aquela frase. Ross se amaldiçoou por ficar tão facilmente abalado, mas lá estava ela

de novo, aquela sensação gostosa da qual ele parecia incapaz de fugir. Ross assentiu brevemente e lançou um olhar cauteloso para Sophia antes de sair.



Sophia passou a primeira metade do dia cuidando de uma pilha de documentos, dossiês e correspondência que havia sido jogada em um canto do escritório de sir Ross. Enquanto arquivava a enorme quantidade de informação, ficou satisfeita com a oportunidade de se familiarizar com a sala de registros criminais, empoeirada e bagunçada. Levaria dias, talvez semanas, para organizar todas as gavetas. À medida que continuava o trabalho, Sophia pensava sobre o que descobrira sobre sir Ross até ali, inclusive a sucessão de comentários que ouvira de criados, escrivães e patrulheiros. O magistrado-chefe era um homem de um autocontrole sobrenatural, que nunca praguejava, gritava ou bebia em excesso. Algumas poucas ordens dadas em voz baixa por ele bastavam para fazer o mais destemido dos patrulheiros sair correndo para obedecê-lo. Sir Ross era admirado por todos os que trabalhavam para ele, mas, ao mesmo tempo, todos adoravam fazer piadinhas a respeito da natureza fria e metódica do chefe.

Sophia não acreditava que Ross fosse frio. Percebera algo por trás da fachada austera – uma sensualidade contida à força, que seria devastadora quando liberada. Dada a intensidade de sua natureza, ele não era do tipo que fazia amor de forma casual. Era algo importante demais, precioso demais para sir Ross – ele teria que gostar profundamente da parceira antes de dormir com ela. Se Sophia quisesse ser bem-sucedida em seu plano de seduzi-lo, teria que conquistar seu afeto. Mas como fazer um homem daqueles se apaixonar? Ela desconfiava que ele se sentiria atraído por uma mulher que garantisse a suavidade que claramente faltava em sua vida. Afinal, sir Ross não era um ser divino com força ilimitada. Era um homem que se obrigava a ir muito além dos próprios limites. E para um homem que carregava tantos fardos sobre os ombros, seria um alívio ter alguém tomando conta das necessidades *dele*.

Sophia voltou à sala de sir Ross e usou um pano para limpar a poeira da moldura da janela. Por acaso, acabou vendo o tema de seus pensamentos na rua, abaixo. Sir Ross estava parado diante da cerca de ferro fundido que ficava na frente do prédio. Parecia conversar com uma mulher que esperava no portão. Ela usava um xale marrom que cobria os cabelos e os ombros, e Sophia se lembrou de que o Sr. Vickery a havia mandado embora mais cedo, naquele dia. A mulher queria ver sir Ross e o escrivão tinha dito que voltasse no dia seguinte, já que o magistrado-chefe estava ocupado com questões mais importantes.

No entanto, sir Ross abriu o portão para a mulher e entrou com ela no número 3 da Bow Street. Sophia ficou comovida com a consideração dele por alguém que claramente era de uma classe muito mais baixa. A mulher estava malvestida e parecia abatida, mas ainda assim o magistrado lhe deu o braço da mesma forma cortês que faria com uma duquesa.

Quando sir Ross entrou com a mulher na sala dele, Sophia percebeu uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas negras.

– Boa tarde, Srta. Sydney – disse ele, em um tom impessoal, enquanto conduzia a mulher até uma cadeira.

Ela era magra, de meia-idade, com uma aparência emaciada e os olhos vermelhos de tanto chorar.

– Essa é a Srta. Trimmer, que, pelo que entendi, foi dispensada por Vickery esta manhã.

– Creio que o Sr. Vickery estava preocupado por sua agenda já estar muito cheia, senhor – murmurou Sophia.

– Sempre posso arrumar tempo quando for necessário.

Sir Ross se encostou na escrivaninha, com os braços cruzados diante do peito. Quando voltou a falar, foi em um tom encorajador que Sophia ainda não ouvira.

– A senhorita disse que teme pela segurança de sua irmã, Srta. Trimmer. Por favor, me diga o que está causando essa preocupação.

A mulher, solteira apesar de não ser jovem, segurou com força as pontas do xale e falou com voz engasgada.

– A minha irmã mais nova, Martha, é casada com o Sr. Jeremy Fowler.

Ela fez uma pausa, evidentemente dominada pela emoção.

– E o trabalho do Sr. Fowler é?... – perguntou sir Ross, estimulando-a a continuar falando.

– Ele é farmacêutico. Eles moram em cima da loja, no mercado de St. James. Mas aconteceram alguns problemas entre eles e...

A mulher se interrompeu de novo, as mãos apertando o xale com mais força, os gestos nervosos.

– Faz cerca de um mês que minha irmã fez algo que o deixou furioso. E não a vi desde então.

– Ela está desaparecida?

– Não, senhor. O Sr. Fowler está mantendo Martha trancada em um quarto e não a deixa sair. Já faz quase quatro semanas. Ninguém pode entrar para vê-la. Eu acho que ela ficou doente e implorei que meu cunhado a soltasse, mas ele ainda está determinado a puni-la.

– Puni-la pelo quê? – perguntou sir Ross em um tom calmo.

O rosto magro da mulher ficou muito vermelho.

– Acho que Martha se envolveu com outro homem. Sei que isso foi muito errado da parte dela, mas minha irmã tem um coração bom e tenho certeza de que está arrependida do que fez. Com certeza deseja que o marido a perdoe.

Os olhos da Srta. Trimmer estavam marejados, e ela os secou com o xale.

– O problema é que ninguém quer me ajudar a tirá-la de lá, todos dizem que é assunto entre marido e mulher. O Sr. Fowler diz que está fazendo isso porque ama Martha demais e ela o magoou terrivelmente. Ninguém, nem mesmo nossos parentes, o culpa por trancafiá-la.

A expressão nos olhos de sir Ross era dura e fria.

– Sempre fico perplexo com esse suposto amor que faz os homens brutalizarem as esposas. Na minha opinião, um homem que ama de verdade uma mulher jamais a machucaria intencionalmente, por maior que fosse a traição.

O olhar dele se suavizou ao pousar na mulher desesperada à sua frente.

– Vou mandar um patrulheiro à residência dos Fowlers imediatamente, Srta. Trimmer.

– Ah, milorde – disse ela, com voz fraca, chorando de alívio. – Obrigada, abençoado seja mil vezes.

Sir Ross se voltou para Sophia.

– Sabe quais homens estão disponíveis hoje, Srta. Sydney?

– O Sr. Sayer e o Sr. Ruthven – murmurou Sophia.

Ela estava aliviada por ele ter decidido ajudar a libertar Martha. Não teria ficado surpresa se o magistrado tivesse se recusado a ajudar, já que era de senso comum que os maridos tinham o direito de fazer o que quisessem com as esposas.

– Chame Ruthven.

Sophia se apressou a obedecer e retornou rapidamente com Ruthven, um patrulheiro grande, de cabelos escuros, com o semblante rude e um temperamento agressivo. O apetite dele por combates físicos era bem conhecido e poucos homens se arriscavam a provocá-lo. Infelizmente, a mente de Ruthven não combinava com as sutilezas do trabalho investigativo, por isso sir Ross o usava para tarefas que exigiam uma natureza mais física do que mental.

– Vá com a Srta. Trimmer até o mercado de St. James – disse Ross ao patrulheiro. – Ela vai lhe mostrar os aposentos acima da Farmácia Fowler, onde a irmã vem sendo mantida em cativeiro há quase um mês. Faça o que for necessário para libertá-la, e esteja atento à possibilidade de encontrar alguma resistência por parte do marido dela.

Ao perceber que estava sendo convocado para interferir em uma briga conjugal, o patrulheiro franziu ligeiramente a testa.

– Senhor, eu estava a caminho do Tothill Bank. Houve um roubo lá, e eu...

– Você terá tempo para conseguir suas comissões particulares mais tarde – retrucou Ross. – Isso é mais importante.

– Sim, senhor – disse o homem, claramente aborrecido, e então se virou para sair da sala.

– Ruthven – murmurou Ross –, e se fosse a *sua* irmã que estivesse trancada em um quarto há um mês?

O patrulheiro pensou naquilo e se mostrou um tanto envergonhado.

– Cuidarei disso imediatamente, sir Ross.

– Ótimo – disse o magistrado. – E, Ruthven, depois que libertar a Sra. Fowler, quero interrogar o marido dela.

– Devo trazê-lo direto para a sala de detenção, senhor?

– Não, leve-o para Newgate. Ele pode esperar na prisão e aproveitar para pensar um pouco em suas ações antes de termos uma conversinha.

Enquanto o patrulheiro saía da sala com a Srta. Trimmer, Sophia se aproximou de Ross e o fitou, pensativa. Ele permaneceu na posição em que estava, encostado na escrivaninha, o que deixava o rosto dos dois no mesmo nível. A expressão dele era severa, com marcas profundas ao lado dos lábios. Embora Sophia tivesse ouvido sobre a compaixão do magistrado em relação a mulheres e crianças, ficou surpresa com a determinação dele para interferir em um conflito conjugal. As mulheres eram legalmente consideradas propriedade do marido, que poderia fazer o que bem desejasse com sua esposa, menos matá-la.

– O senhor foi muito bondoso – comentou Sophia.

Ross permaneceu com a expressão carregada.

– Gostaria de fazer Fowler sofrer da mesma forma que está fazendo a esposa sofrer. Mas só posso mantê-lo em Newgate por três dias... nem de longe é tempo suficiente.

Sophia concordava plenamente, mas não pôde resistir à tentação de bancar o advogado do diabo.

– Alguns diriam que talvez a Sra. Fowler merecesse uma punição dessas por ter dormido com outro homem – argumentou.

– Não importa o comportamento dela, o marido não tem o direito de retaliar dessa forma.

– Qual seria a *sua* reação caso sua esposa o traísse?

Ficou claro que a pergunta pegou o magistrado de surpresa. De repente, Sophia havia transformado a conversa em algo pessoal. Ross a encarou com firmeza, a súbita tensão fazendo os músculos dele se retesarem sob o tecido do paletó.

– Não sei – admitiu. – A minha esposa não era o tipo de mulher que

teria sucumbido a essa tentação em particular. O assunto nunca foi uma preocupação para mim.

– E se o senhor se casasse de novo? – perguntou Sophia, observando com atenção aqueles olhos prateados muito vívidos. – Fidelidade não seria um assunto de preocupação para o senhor?

– Não.

– E por quê?

– Porque eu a manteria tão ocupada em minha cama que ela não teria tempo ou disposição para procurar a companhia de outro homem.

As palavras provocaram um frio na barriga de Sophia. Aquilo era a confissão de um apetite sexual no mínimo voraz. E confirmava tudo o que ela descobrira sobre ele até ali. Sir Ross não era homem de fazer nada pela metade. Antes que pudesse se controlar, Sophia imaginou como seria estar deitada com o corpo entrelaçado ao dele em um ato íntimo, a boca dele em seus seios, as mãos se movendo delicadamente pelo corpo dela. Um forte rubor coloriu seu rosto, em uma mistura de constrangimento e desejo.

– Perdoe-me – disse Ross baixinho. – Não deveria ter falado tão francamente.

Outra surpresa. Sophia jamais conhecera um homem, de nenhuma classe social, que se rebaixaria a se desculpar com um empregado, muito menos se fosse mulher.

– Foi culpa minha – disse ela com esforço. – Não deveria ter feito uma pergunta tão pessoal. Não sei por que fiz.

O olhar dele voltou a capturar o de Sophia, e o brilho ardente nele tornou a respiração dela difícil.

– Não sabe?

A pergunta de Sophia fora uma tentativa de descobrir mais sobre a personalidade dele, sobre como o magistrado lidava com os assuntos do coração. Tudo parte do plano de fazer com que sir Ross se apaixonasse por ela. Infelizmente, Sophia estava achando difícil ignorar a crescente atração que sentia pelo homem que planejava destruir. Era importante permanecer fria e distante quando finalmente fossem para a cama. No entanto, havia

muitas coisas nele que Sophia achava sedutoras: a inteligência, a compaixão pelos vulneráveis, o desejo primitivo sob a fachada de autocontrole.

Quando começava a sentir, mesmo relutantemente, o coração amolecer em relação a ele, Sophia se lembrou do irmão morto, e sua determinação ganhou vigor renovado. John precisava ser vingado, senão sua vida teria sido completamente em vão. Deixar o passado de lado seria falhar com o irmão, e isso era algo que ela não poderia permitir que acontecesse.

Depois de pensar por um instante, Sophia admitiu, em um tom cauteloso:

– Acho que me sinto curiosa a seu respeito. O senhor raramente fala de si, ou do seu passado.

– Poucas coisas no meu passado a interessariam – garantiu ele. – Sou um homem comum, que vem de uma família igualmente comum.

A declaração deveria ter soado como falsa humildade. Afinal, sir Ross era um homem de realizações e habilidades notáveis. Certamente tinha consciência das próprias conquistas, da mente afiada, da boa aparência, da excelente reputação de que gozava. No entanto, Sophia percebeu que ele não se considerava superior a nenhum outro homem. Sir Ross exigia tanto de si mesmo que jamais conseguiria estar à altura de seus próprios padrões impossíveis de serem alcançados.

– O senhor não é comum – sussurrou Sophia. – É fascinante.

Não havia dúvida de que Ross com frequência se via diante de mulheres que tinham algum interesse pessoal nele. Sendo um viúvo bonito e abastado, e com considerável influência política e social, ele provavelmente era um dos melhores partidos de Londres. Ainda assim, a ousada declaração de Sophia claramente o pegara de surpresa. Ele a encarou, desconcertado, parecendo incapaz de formular uma resposta.

O silêncio pesou no ar. Finalmente Sophia falou, tentando soar objetiva:

– Vou cuidar do jantar. O senhor vai comer na cozinha ou aqui?

Ross concentrou o olhar na escrivanhinha com atenção exagerada.

– Mande uma bandeja para cá. Tenho mais que fazer à noite.

– O senhor precisa dormir – comentou ela. – Tem trabalhado demais.

Ele pegou uma carta e rompeu o lacre.

– Boa noite, Srta. Sydney – murmurou, o olhar agora concentrado na folha de papel.

Sophia saiu da sala de sir Ross e caminhou lentamente pelo corredor, com o cenho franzido. Por que deveria se importar se ele se recusava a ter o descanso de que precisava? Que o homem trabalhasse até morrer de exaustão, pensou. Não lhe importava nem um pouco que ele arruinasse a própria saúde, o touro teimoso! Mas ela continuou irritada ao se lembrar das olheiras de cansaço que ele ostentava. E justificou para si mesma que a preocupação era fruto do seu desejo de vingança. Afinal, seria difícil seduzir um homem exausto e faminto.



Nos dias em que Ross servia como juiz no tribunal, Sophia levava o almoço para ele, no escritório, depois que as primeiras sessões terminavam. Enquanto ele comia na escrivaninha, ela arrumava os papéis, tirava o pó das estantes e levava laudos para a sala de registros criminais. No entanto, Ross não costumava fazer refeições com regularidade; quase sempre via a comida como uma indesejada interrupção do trabalho.

A primeira vez que ele se recusou a almoçar, dizendo a Sophia que estava ocupado demais para comer, ela oferecera o prato a Vickery, que estava copiando o laudo de um patrulheiro.

– Vickery também está ocupado – apressou-se a dizer Ross. – Pode levar o prato embora.

– Sim, senhor – respondeu Sophia, sem parecer nem um pouco perturbada. – Talvez mais tarde...

– Eu *estou* com um pouco de fome – interrompeu o escrivão.

Ele olhava com expressão de anseio para o prato coberto. Vickery era um homem robusto, com um apetite saudável, e não gostava de perder uma refeição.

– Que cheiro delicioso, Srta. Sydney... posso perguntar o que é?

– Linguiça com manjerona e batatas. E creme de ervilha.

O apetite de Ross foi despertado pelo aroma saboroso que o prato

exalava. Sophia vinha passando bastante tempo na cozinha, mostrando à inepta criada, que fazia as vezes de cozinheira, como preparar refeições realmente comestíveis. Ela prestava bastante atenção ao que ele gostava e ao que não gostava, e já percebera que Ross preferia comidas bem temperadas e tinha uma queda incurável por doces. Nos últimos dias, sucumbira à tentação de uma charlotte com crosta crocante e muito recheio de laranja... e também de um bolo de ameixa com melado e groselhas... maçãs em calda dentro de camadas grossas de massa doce. Não era de surpreender que ele tivesse começado a ganhar peso. O rosto encovado estava mais cheio e as roupas já não ficavam mais sobrando no corpo, o que sem dúvida agradaria à mãe dele, que com frequência se preocupava com sua magreza.

Vickery fechou os olhos e inspirou profundamente.

– Creme de ervilha... a minha mãe costumava preparar esse prato. Diga-me, Srta. Sydney, por acaso acrescenta uma pitada de noz-moscada ao creme?

– Ora, sim, eu... – começou a dizer Sophia.

– Dê a bandeja a ele – grunhiu Ross. – Caso contrário, é óbvio que não vou ter nem um momento de paz.

Sophia deu um sorriso ligeiramente contrito para ele e obedeceu.

Vickery aceitou a bandeja de almoço e abriu o guardanapo com um prazer evidente. Sorrindo, disse quando ela já saía da sala:

– Obrigada, Srta. Sydney!

Irritado, Ross estava plenamente consciente do som dos lábios de Vickery se mexendo e dos gemidos de prazer enquanto ele devorava o almoço e Ross, por sua vez, assinava mandados.

– Você precisa fazer tanto barulho? – perguntou Ross finalmente, levantando os olhos da escrivania, com uma expressão aborrecida.

Vickery enfiou outra colherada grande de creme de ervilha na boca.

– Perdão, senhor. Mas estou diante da refeição de um rei. Na próxima vez que quiser pular o almoço, senhor, ficarei feliz em aceitá-lo em seu lugar.

Não haveria próxima vez, jurara Ross para si mesmo, profundamente incomodado por ver outra pessoa se deliciando com o almoço *dele*. Dali em

diante, seu almoço no escritório se tornaria um ritual sagrado em que ninguém ousaria interferir.

A influência de Sophia logo se estendeu a detalhes mais pessoais da vida dele. Ela garantia que a água do jarro que ele usava para se barbear pela manhã estivesse sempre bem quente e acrescentava glicerina ao sabão de barbear dele, para amaciar a barba obstinada. Quando reparou que os calçados de Ross precisavam de atenção, preparou a própria receita de graxa e com frequência lembrava a Ernest de manter os sapatos do patrão engraxados.

Certa manhã, ao descobrir que a maior parte de suas gravatas tinha desaparecido da gaveta de cima da cômoda, Ross foi até a cozinha só de camisa. Encontrou Sophia fazendo anotações em um caderninho com lombada costurada à mão. Ao perceber que ele não estava usando paletó ou colete, ela o examinou rapidamente de cima a baixo. Diante daquele sinal discreto de interesse, Ross subitamente teve dificuldade para se lembrar do motivo por que fora até ali.

– Srta. Sydney... – começou ele, em um tom brusco.

– Suas gravatas – disse ela, e estalou os dedos delgados, evidentemente se lembrando de que as tinha tirado da cômoda dele. – Lavei e passei todas ontem, mas me esqueci de devolvê-las ao seu quarto. Vou mandar Lucy subir com elas agora mesmo.

– Obrigado.

Ross fora distraído por um cacho do cabelo dourado e sedoso que tinha escapado do coque de Sophia. E quase cedeu à tentação de esticar a mão e enrolar os fios macios ao redor do dedo.

– Antes que volte ao seu quarto, senhor, quero que saiba que algumas de suas gravatas se foram.

– Se foram? – repetiu ele, com o cenho franzido.

– Eu as vendi para o trapeiro.

Um sorriso atrevido brincou nos lábios de Sophia, desafiando-o silenciosamente a protestar.

– Várias estavam gastas e esfarrapadas. Um homem em sua posição não

pode de forma alguma ser visto usando aquilo. O senhor terá que comprar gravatas novas.

– Entendo.

Interessado em falar mais sobre a impertinência dela, Ross se inclinou na direção da jovem e pousou uma das mãos no topo da cadeira onde ela estava sentada. Embora ele não a tocasse, ela não tinha como sair dali.

– Mas, Srta. Sydney, já que tomou para si a tarefa de dispor das minhas gravatas, acho que deveria ser a senhorita também a responsável por substituí-las. Ernest a acompanhará até a Bond Street esta tarde. A senhorita pode comprar gravatas novas e colocar a conta no meu nome. Vou deixar a escolha ao seu gosto.

Sophia inclinou a cabeça para trás para encontrar o olhar dele, e seus olhos cintilaram na expectativa de uma excursão de compras.

– Com prazer, senhor.

Observando o rosto erguido de Sophia, Ross se sentiu profundamente perturbado. Já fazia muito tempo desde que alguém prestara tanta atenção em assuntos tão triviais quanto as gravatas dele, ou a temperatura de sua água de barbear. Mas uma parte dele se deleitava com aquilo: a atenção quase conjugal da qual vinha se tornando dependente demais. Como fazia com tudo aquilo que não compreendia, Ross avaliou as possíveis motivações de Sophia. E não conseguiu encontrar razão alguma para que ela desejasse mimá-lo.

Sophia abaixou os cílios fartos ao olhar mais uma vez, de relance, para o pescoço exposto pela camisa. A respiração dela se acelerou ligeiramente, traindo o fato de que ele também a perturbava. Ross pensou em passar a mão pela nuca de Sophia e segurá-la com firmeza enquanto capturava sua boca. Mas já fazia muito tempo desde a última vez que fizera um avanço desse tipo em relação a uma mulher, e não tinha certeza de que ela receberia bem as suas atenções.

– Mas, Srta. Sydney – murmurou ele, encarando as profundezas suaves, cor de safira, dos olhos dela –, da próxima vez que resolver descartar minhas roupas, é melhor me avisar com antecedência.

Um sorriso travesso curvou os lábios de Ross quando ele se inclinou um

pouco mais para perto de Sophia e acrescentou:

– Eu detestaria ter que descer até aqui sem calça.



Para o desgosto de Ross, ele não era o único homem na Bow Street a apreciar os consideráveis encantos de Sophia. Como Morgan previra, os patrulheiros ficavam atrás dela como um bando de lobos agitados, farejando e mordiscando os calcanhares dela. Antes de se reportarem a ele, às nove horas, todo dia, os patrulheiros esperavam na porta da cozinha por alguma sobra do café da manhã. Então brincavam e flertavam com Sophia, e contavam histórias exageradas de seus feitos.

Ao descobrirem que ela se dispunha a cuidar de pequenos ferimentos, os homens começaram a inventar dores e machucados. Depois de saber que ela havia enfaixado ao menos três tornozelos peludos torcidos, administrado dois cataplasmas e tratado de uma garganta infeccionada no espaço de uma única semana, Ross perdeu a paciência.

– Diga aos patrulheiros – esbravejou com Vickery – que, caso estejam ficando desajeitados ou adoentados, podem ir procurar um maldito médico! Estou proibindo a Srta. Sydney de tratar qualquer machucado, está entendendo?

– Sim, senhor – respondeu Vickery, que o encarou obviamente espantado. – Nunca o vi perder a calma antes, sir Ross.

– Não perdi a calma!

– O senhor está gritando e praguejando – argumentou Vickery em um tom razoável. – Se isso não é perder a calma, o que é?

Ross se esforçou para afastar a bruma vermelha de fúria que parecia nublar sua visão. Com grande esforço, modulou o tom.

– Só estava querendo ser enfático – disse entre os dentes. – A questão é que os patrulheiros não podem ficar inventando doenças e machucados como desculpa para que a Srta. Sydney cuide deles. Ela já tem muitas responsabilidades, não vou permitir que seja perturbada pelo bando de idiotas no cio que trabalham para mim.

– Sim, senhor – respondeu Vickery, desviando os olhos, mas não antes de Ross ver um sorriso malicioso curvar seus lábios.

Quando a notícia da chegada da nova e bela funcionária à Bow Street se espalhou pelos oficiais, Sophia logo se viu cercada por policiais. Ela tratava todos com a mesma cortesia amigável. Ross sentia que Sophia guardava a si mesma e o próprio coração com muito cuidado. Depois da forma sórdida como fora tratada pelo amante, qualquer homem enfrentaria uma batalha difícil para conquistar sua confiança.

Ross estava cada vez mais curioso a respeito do homem que traía Sophia – como ele era, e o que nele a atraía. Incapaz de se conter, finalmente perguntou a Eliza se Sophia havia confidenciado alguma coisa sobre o antigo amante. Era o dia de folga de Sophia, e ela saía com Ernest em direção à Bond Street. A Bow Street parecia estranhamente vazia sem ela, e, embora o dia já estivesse na metade, Ross se viu olhando com impaciência para o relógio.

Um sorriso astuto surgiu no rosto da criada ao ouvir a pergunta.

– Se Sophia comentou alguma coisa sobre ele, sir Ross, foi em tom de confidência. Além do mais, o senhor chamou minha atenção no mês passado para que eu não fizesse fofocas e estou comprometida a me corrigir.

Ross a encarou com um olhar duro e firme.

– Eliza, por que logo agora, quando finalmente estou interessado em alguma de suas fofocas, você decide se corrigir?

Ela riu, os dentes tortos à mostra.

– Eu conto o que ela me disse sobre ele... se o senhor me contar por que quer saber.

Ross manteve o rosto neutro.

– Simplesmente me preocupo com o bem-estar dela.

Eliza deu uma risadinha irônica.

– Vou contar, senhor, mas por favor não diga nada, senão a Srta. Sophia vai ficar muito brava comigo. O nome dele era Anthony. Ela disse que ele era jovem e belo, e tinha cabelos claros. Ela gosta de homens de cabelos claros, sabia?

Ross recebeu a informação com o cenho ligeiramente franzido.

– Continue.

– Eles se conheceram quando a Srta. Sophia estava dando uma caminhada e ele cavalgava pelo bosque. Ele a seduziu... recitando poemas e tudo o mais.

Ross grunhiu, aborrecido. A imagem de Sophia nos braços de outro homem – um camarada de cabelos claros, declamando poesia – o incomodou como uma bolha no pé.

– E, infelizmente, ele se esqueceu de mencionar que tinha uma esposa.

– Sim. O covarde simplesmente abandonou-a depois de se aproveitar dela... nunca se deu o trabalho de dizer que era casado. A Srta. Sophia diz que nunca mais voltará a amar.

– Ela se casará algum dia – retrucou Ross, em um tom cético. – É só uma questão de tempo.

– Sim, a Srta. Sophia provavelmente se casará – concordou Eliza, em um tom prático. – Eu quis dizer que ela nunca mais voltará a *amar*.

Ross deu de ombros casualmente.

– O casamento é melhor quando é por outras razões que não o amor.

– Isso é exatamente o que a Srta. Sophia diz.

Eliza se preparou para sair, mas parou na porta e acrescentou, com demasiada sinceridade:

– Como vocês dois são sensatos!

Com uma risadinha, ela se retirou, deixando um Ross emburrado.



Depois de duas semanas de trabalho intenso, os patrulheiros Sayer e Gee finalmente conseguiram localizar Nick Gentry, o popular personagem do submundo de Londres. Todos os salões e pubs ficaram imediatamente em polvorosa com a notícia de que ele havia sido levado para a Bow Street e detido para interrogatório. No instante em que Gentry chegou à corregedoria, foi levado à sala de detenção, uma área que Sophia nunca tivera permissão de ver. Naturalmente, a curiosidade sobre a sala proibida,

que ficava no nível da adega, era enorme, mas Ross ordenara que ela ficasse longe de lá.

À medida que os rumores sobre a detenção de Nick Gentry se espalhavam pelos cortiços e espeluncas de Londres, uma multidão se aglomerou do lado de fora do número 3 da Bow Street, bloqueando inteiramente a rua e impedindo a passagem de veículos. Gentry tinha influência em todos os cantos da cidade. Embora chamasse a si mesmo de apanhador de ladrões, ele na verdade tinha grande participação no crime organizado. Orientava gangues em suas atividades ilegais, dizendo aos bandidos como e quando deveriam realizar crimes que talvez não se arriscassem a cometer sem as instruções dele. Batedores de carteira, arrombadores, prostitutas e assassinos, todos se reportavam a ele, recebendo orientação em questões que iam do destino a ser dado aos bens roubados até como evitar a prisão.

Sophia tivera a esperança de dar uma espiada no famoso criminoso, mas ele fora levado à Bow Street na calada da noite. Sir Ross passara cada minuto com Gentry na sala de detenção, preparado para lá permanecer por um longo período.

– Sir Ross só pode manter Gentry detido por três dias – informou Ernest a Sophia, ofegante. – Ele vai fazer todo o possível para que o sujeito admita que ajuda os bandidos a fugir de Newgate, mas Gentry jamais cederá.

– Você parece admirar o Sr. Gentry – comentou Sophia.

O rapaz considerou a pergunta, pensativo, e ruborizou por ser foco da atenção dela.

– Ora... Nick Gentry não é de todo mau. Ele realmente ajuda as pessoas às vezes... dá emprego e dinheiro a elas.

– Que tipo de emprego? – perguntou Sophia com ironia. – Com certeza, nada dentro da lei.

Ernest deu de ombros, parecendo desconfortável.

– E ele realmente prende ladrões e saqueadores, exatamente como os patrulheiros.

– Pelo que sir Ross diz – murmurou Sophia –, o Sr. Gentry encoraja as

peessoas a cometerem crimes e então as prende por isso. É como criar criminosos para seu próprio lucro, não é?

Ernest lançou um olhar na defensiva para ela, então sorriu.

– Ah, Gentry tem seus defeitos, Srta. Sydney, mas ele é um camarada especial assim mesmo. Não consigo explicar de uma forma que a senhorita entenda.

Na verdade, Sophia entendia. Às vezes um homem era tão carismático que o povo acabava fazendo vista grossa para os pecados por ele cometidos. Nick Gentry havia capturado a imaginação de aristocratas, comerciantes e batedores de carteira... todos em Londres eram fascinados pelo homem. E a rivalidade de Gentry com sir Ross só o tornava ainda mais intrigante.

Ross passou o dia inteiro na sala de detenção e fez Ernest ficar indo e voltando para pegar água, ou um determinado arquivo na sala de registros criminais. Sayer e Gee, os dois patrulheiros que haviam detido Gentry, também acompanharam o interrogatório, embora às vezes saíssem para descansar um pouco e respirar ar fresco.

Incapaz de conter a curiosidade, Sophia se aproximou de Eddie Sayer quando ele estava parado no pátio de piso de pedra, nos fundos do número 4 da Bow Street. Os chamados e gritos da multidão na frente do prédio eram irritantes; as pessoas pediam que Nick Gentry fosse liberado. Sophia se sentiu grata pela cerca de ferro que mantinha os manifestantes longe, mas temia que logo alguém acabasse decidindo pular o portão.

Sayer erguera o rosto largo para receber a brisa fresca da primavera e estava inspirando profundamente. Embora o vento estivesse carregado com os odores familiares das ruas de Londres – estrume e fuligem –, ainda assim parecia preferível à atmosfera da sala de detenção. Ao ouvir os passos de Sophia no piso de pedra, Sayer se virou e sorriu, os olhos castanhos cintilando. Ele era um rapaz grande e arrojado, que flertava com toda mulher que encontrava, independentemente de idade, aparência ou estado civil.

– Ah, Srta. Sydney... exatamente a companhia pela qual eu esperava. Sem dúvida, a senhorita veio até aqui fora para um encontro apaixonado. Finalmente vai assumir seus sentimentos por mim, não é?

– Sim.

Sophia respondeu com ironia, já tendo aprendido que o melhor modo de lidar com os patrulheiros era respondendo à altura a irreverência deles.

– Finalmente fui arrebatada pela atmosfera romântica da Bow Street. Onde teremos nosso encontro apaixonado, Sr. Sayer?

O patrulheiro alto sorriu.

– Temo ter que desapontá-la, minha bela. Cannon só me deu cinco minutos de folga... nem de longe tempo suficiente. Além do mais, não sou de me envolver romanticamente com diamantes brutos. Por favor, controle o seu desapontamento.

Sophia cruzou os braços e encarou-o com um sorrisinho.

– Como estão as coisas na sala de detenção, Sr. Sayer?

O patrulheiro suspirou, parecendo subitamente cauteloso.

– Cannon não conseguiu arrancar muito de Gentry até agora. É como tentar derrubar um carvalho usando uma faca de manteiga. Mas Cannon continua tentando dobrá-lo – acrescentou, esfregando o rosto e soltando um gemido. – Acho que está na minha hora de voltar lá para baixo.

A tarde foi passando e, ao cair da noite, o humor das pessoas aglomeradas na Bow Street começou a se tornar mais agressivo. Quando espiou pela janela, Sophia viu que alguns manifestantes seguravam porretes e atearam fogo em peças de mobília que levaram. Garrafas de bebida haviam sido distribuídas pelo e Brown Bear, o pub em frente à corregedoria. A multidão bebia livremente. Para o horror de Sophia, as residências de ambos os lados da corregedoria estavam sendo atacadas – janelas haviam sido quebradas e as pessoas batiam furiosamente com porretes e com os punhos nas portas protegidas.

Quando a noite caiu, a multidão havia perdido completamente o bom senso. Ernest apareceu no número 4 para dizer a Sophia que os criados deveriam ficar dentro de casa. Os patrulheiros tentavam dispersar a multidão. Se não tivessem sucesso, acabariam convocando ajuda dos militares.

– Não precisa se preocupar – disse Eliza, ofegante, o rosto pálido. – Os

patrulheiros vão conter o tumulto. São homens bons e corajosos, vão nos manter seguros.

– Onde está sir Ross? – perguntou Sophia a Ernest, tentando permanecer calma, embora os gritos constantes da turba estivessem acabando com os nervos dela.

– Ainda com Gentry – respondeu Ernest. – Disse que ele mesmo vai dar um tiro em Gentry antes de deixar que a multidão o leve.

Quando o rapaz voltou correndo para o prédio anexo, Sophia olhou outra vez pela janela. Se encolheu ao ver que as pessoas atiravam pedras e garrafas, mirando a casa.

– Isso é loucura! – exclamou. – Sir Ross sabe quão ruins estão as coisas lá fora? Não vai demorar muito para essa gente nos reduzir a escombros!

As três mulheres deram um pulo quando uma pedra estilhaçou o vidro da janela, espalhando cacos por todo o chão.

– Meu Deus! – exclamou Eliza.

– Que os céus nos protejam – disse Lucie, com um gritinho agudo, os olhos arregalados. – O que vamos fazer?

– Ficar longe das janelas – apressou-se a dizer Sophia. – Vou até a sala de detenção.

O barulho do lado de fora era ensurdecedor, e o ar estava cáustico por causa da fumaça. Embora ninguém tivesse conseguido escalar a cerca de ferro – ainda –, Sophia viu que passavam uma escada por cima da multidão. Ela levantou as saias, atravessou o pátio correndo e abriu com força a porta que dava na sala de detenção.

A escada levava a um vácuo escuro. Sophia desceu com cuidado, já que a pedra sob seus pés era escorregadia. As paredes estavam verdes por causa do mofo e o ar tinha um fedor acre que parecia de urina. Sophia ouviu o som de vozes masculinas, a de sir Ross entre elas. Ela seguiu o brilho de uma luz fraca na base da escada e encontrou um corredor estreito que se abria para um porão. A luz do lampião tremulava, mostrando as barras de três celas e lançando a sombra das grades no piso de terra batida. No outro extremo da sala de detenção, uma mesa e algumas cadeiras tinham sido posicionadas

perto de um basculante gradeado que ficava no nível da rua. O clamor incessante da turba entrava por ali.

Sophia viu dois patrulheiros, sir Ross e um homem alto e bem-vestido que estava encostado em uma pose insolente perto do basculante. O sujeito tinha um dos ombros apoiado casualmente contra a parede, as mãos enfiadas nos bolsos do paletó. Nick Gentry, pensou Sophia. No entanto, antes que pudesse ter um vislumbre do rosto dele, sir Ross se virou e se aproximou dela em poucas passadas rápidas.

– O que você está fazendo aqui?

O tom foi tão selvagem que Sophia se encolheu.

Apesar do frio na sala de detenção, Cannon não usava casaco, e a forma larga dos ombros e os músculos fortes dos braços eram visíveis através do linho branco justo. O colarinho da camisa estava desabotoado, revelando parte dos pelos do peito. O olhar assombrado de Sophia encontrou o dele, que tinha uma expressão dura, severa, os olhos cinza ardendo de fúria.

– Eu disse para não descer até aqui – disse ele, irritado.

Embora não estivesse exatamente gritando, sua voz ressoava, irada.

– Sinto muito, mas há algo que o senhor precisa saber...

– Quando eu der alguma ordem, Srta. Sydney, a *senhorita me obedeça*, não importa o que aconteça. Está entendendo?

– Sim, digníssimo milorde – retrucou Sophia com sarcasmo, a tensão e a preocupação que sentia se transformando em raiva. – No entanto, achei que o senhor deveria ser informado de que a turba de manifestantes está prestes a invadir o número 4. Os policiais não vão conseguir contê-los por muito mais tempo. Estão quebrando as janelas. Se o senhor não chamar os militares rapidamente, a multidão vai incendiar os dois prédios até não sobrar mais nada.

– Sayer – disse Ross, virando-se para o patrulheiro. – Vá dar uma espiada lá fora. Se achar que a situação exige, mande chamar uma tropa da guarda montada.

Ele voltou a olhar para Sophia.

– E a *senhorita*... suba e fique dentro de casa até que eu ordene o contrário.

Magoada com a forma dura como Ross estava falando com ela, Sophia assentiu e deixou a sala de detenção o mais rápido que seus pés conseguiram levá-la.



Quando a governanta deixou a sala de detenção, Nick Gentry, que estivera olhando pelo basculante gradeado, se virou na direção de Ross.

– Que belezinha – comentou, obviamente se referindo a Sophia. – Dando um polimento no cobre, Cannon? Acho que a aceitarei depois que você se fartar.

Como estava familiarizado com o dialeto das ruas, Ross sabia exatamente o que significava “polir o cobre”. Referia-se a um estilo de cama de ferro com detalhes em cobre, e às atividades que aconteciam ali. Normalmente, as provocações de um prisioneiro não tinham efeito em Ross. No entanto, aquela pareceu ser a única ocasião em que ele não conseguiu se controlar. A referência a Sophia como se ela fosse uma prostituta comum foi o que bastou para detonar a fúria dele.

– Ou você fecha esse buraco no meio da sua cara – bradou para Gentry – ou eu mesmo vou fazer isso.

Gentry sorriu, claramente satisfeito com o sucesso da provocação.

– Você passou o dia todo tentando me fazer falar, e agora quer calar a minha boca?

Nick Gentry estava bem-vestido e era surpreendentemente jovem. Também era belo, com cabelos escuros, olhos azuis e um sorriso fácil. Seu sotaque, embora não fosse o de um cavalheiro, era muito mais refinado do que o dialeto do East End. Quase era possível confundi-lo com um desses aristocratas que passavam o tempo apostando e correndo atrás de meretrizes enquanto esperavam por suas heranças. Mas alguma coisa em seu rosto denunciava que ele era uma criatura das ruas... uma frieza no olhar. Em algum momento no passado, Nick Gentry aprendera que a vida era uma amarga disputa por espaço. Obstinado em vencer, ele jogava segundo um conjunto de regras desconhecidas. Lealdade, justiça, piedade eram

qualidades que ele não conhecia. Ross achou impressionante descobrir que um brutamontes desgraçado como Gentry tinha conseguido angariar tanto apoio entre as massas.

Gentry abriu um sorriso astuto, como se pudesse ler os pensamentos de Ross.

– Você está com um problemão esta noite, Cannon. Escute só essa multidão. Vão colocar este lugar abaixo se você não me soltar.

– Você não vai a lugar algum nos próximos dois dias – informou Ross. – Vai mofar aqui dentro pelo máximo de tempo que eu puder mantê-lo legalmente. Pode ficar à vontade.

– Nesta pocilga? – retrucou Gentry, mal-humorado. – Muito improvável.